

## A HARMONIOSA FIGURA: INTERPRETAÇÕES GEOGRÁFICAS SOBRE A FORMAÇÃO DE PORTUGAL

JOÃO CARLOS GARCIA

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA — FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

A unidade e a diversidade ibéricas parecem, à primeira vista, temas eminentemente geográficos e, só depois, históricos, económicos, etnológicos ou políticos. Trata-se de discutir o espaço: o espaço de cada um e o espaço do "outro"; o espaço de cada comunidade e os espaços das outras comunidades. As leituras são habitualmente feitas a diversas escalas — a peninsular, a nacional, a regional e a local —, partindo do princípio, portugueses e espanhóis, que "a Península" é apenas e sempre "a Ibérica" e que, do ponto de vista geográfico, Portugal e a Espanha são dois países que podem e devem ser confrontados em igualdade de circunstâncias. É aqui que se revela determinante o aspecto das escalas: a Ibérica não é a única península no Mundo Mediterrâneo, nem muito menos na fachada ocidental da Europa; a estrutura da organização interna do espaço nacional em Portugal é completamente distinta da existente em Espanha, por razões naturais, históricas, económicas e sociais.

Assim, os problemas do espaço vivido e da alteridade na percepção dos espaços, por parte dos ibéricos, poderiam constituir bons pontos de partida para análises geográficas. Não é esse o nosso propósito mas, tão só, o de escolhido um assunto específico glosado por historiadores e geógrafos portugueses durante décadas — o da formação de Portugal —, que de modo particular se relaciona com a unidade e a diversidade ibéricas, e que agora, com o fim das fronteiras, parece ter sintomaticamente desinteressado uns e outros, tentarmos uma decomposição do discurso geográfico.

O tema da formação de Portugal esteve presente entre as preocupações dos geógrafos portugueses, mesmo antes desta ciência ser institucionalizada no nosso País, no início do século xx. É certo que a reflexão sempre aconteceu no quadro do privilegiado diálogo com os historiadores mas, também sempre em momentos política e ideologicamente bem marcados.

Foi em torno das polémicas da Geração de 70 que uma nova ideia sobre a construção histórica de Portugal foi elaborada: as raízes românticas eram profundas mas os revolucionários haviam lido muitos autores estrangeiros e muito sobre a ciência em geral e as ciências naturais em particular. O nome que se espera citado é o de Darwin, porque a sua doutrina se tentou passar nas Conferências do Casino com Jaime Batalha Reis, mas as matérias que virão a constituir a Geografia estão igualmente presentes, e Reclus (geógrafo e anarquista) será o autor de referência que circula entre todos os interessados. As novas ideias científicas e as novas opiniões sobre a relação entre o homem e o espaço transmitem-se através dos textos de intervenção de Antero, da ficção de Eça, da história de Oliveira Martins e da proto-Geografia de Bernardino Barros Gomes.

A herança romântica vem de Garrett mas, particularmente, de Herculano, o romancista e o historiador. O peso do seu método e das suas ideias, se foi esmagador por toda a segunda metade do século XIX, sobreviveu a duras críticas e como monumento historiográfico foi recuperado e reaproveitado por alguns autores pouco coniventes com a produção nacionalista do Estado Novo.

Na obra mais geográfica do agrónomo e silvicultor B. Barros Gomes, as *Cartas Elementares de Portugal* (1878) têm um lugar à parte como o primeiro atlas científico português. Nele o autor dedica especial atenção à divisão concelhia do País por a crer como a mais lógica, a mais histórica e a mais orgânica. As grandes divisões geográficas (que no mesmo trabalho estabelece), não são mais do que agrupamentos dessas células do todo nacional. São elas que dão unidade ao território português. Essas imagens cartográficas de um organicismo militante, embora com pouca divulgação e receptividade entre o público a que se destinavam (o do ensino básico), encontraram algum eco entre a elite intelectual.

No quadro da Geografia universitária criada pelo início do século XX, o tema da formação de Portugal é vagamente lembrado. Nos textos do médico Silva Telles e do geólogo Ferraz de Carvalho, os fundadores da disciplina em Lisboa e em Coimbra, procura-se discutir apenas a individualidade do País no conjunto da Península Ibérica do ponto de vista físico, em particular, geomorfológico. Será com a chegada do geógrafo alemão Hermann Lautensach, em meados dos anos 20, que os temas da Geografia cultural e histórica de Portugal continental começam a ter repercussão sobre a pequena e pouco desenvolvida escola portuguesa de Geografia, onde a Universidade de Coimbra, através de Amorim Girão, detém um preponderante papel.

As décadas de 30 e 40 são marcantes no desenvolvimento do tema, face ao contexto histórico que se vive: no exterior, anos economicamente difíceis e o conflito mundial; no interior, a consolidação do Estado Novo, a neutralidade tensa da Guerra, a organização do aparelho colonial. Estes são aspectos que estimulam o debate entre os políticos e os ideólogos do regime, mas também entre os historiadores e os geógrafos.

A individualidade geográfica de Portugal no conjunto da Península Ibérica, título de um artigo de H. Lautensach publicado no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, em 1931, discute-se em torno de aspectos naturais mas igualmente dos históricos e dos culturais. A fronteira terrestre luso-espanhola, ou hispano-portuguesa (no dizer dos geógrafos espanhóis) é objecto de aturadas análises quanto ao seu estabelecimento e quanto à sua evolução. A formação de Portugal que, com base em Herculano, sempre terminara no fim da Reconquista, o que quer dizer, no reinado de Afonso III e na conquista final do Algarve, avança até D. Dinis e ao Tratado de Alcañices, de 1297. Em 1940, as comemorações do chamado Duplo Centenário (1140 e 1640), revitalizam a historiografia sobre a época áurea quinhentista dos Descobrimentos marítimos e fazem prolongar essa formação até 1640, tese também defendida entre os geógrafos mais afectos ao regime, como Amorim Girão.

É precisamente o chefe da Escola de Coimbra quem mais debate a formação da unidade nacional como uma das faces da medalha: a Lição de Sapiência que Girão profere a abrir o ano académico da Universidade de Coimbra, em 1935, tem justamente por título: *Condições geográficas e históricas da autonomia política de Portugal*. Mas, a outra face da medalha, particularmente cara ao autor, é a diversidade interna do território português. É a divisão regional que, complementando espaços de características distintas, explica a unidade e a longevidade do País, resistindo ao longo do atribulado quadro político da história da Europa. Amorim Girão é um dos grandes polemistas e um dos grandes obreiros das Províncias de Portugal, institucionalizadas entre os anos 30 e 50. A Nação diversa e una do Estado Novo.

Segundo o autor, a formação geográfica e histórica do País não se encontra desligada deste processo. Às teorias historiográficas oitocentistas das raízes medievais ligadas à Galiza, contrapõem-se agora origens anteriores que se comprovam através da Arqueologia, nas quais o centro do território — a Beira —, pelas suas características naturais, joga o papel de núcleo de resistência e de coesão. A tese de Portugal herdeiro da Lusitânia, recuperada uma vez mais dos clássicos humanistas do século XVI é agora restrita à sua área central.

A partir do início da década de 40, e apesar de minoritárias, ideias novas entram na Escola Portuguesa de Geografia pela mão de Orlando Ribeiro. Ele é para nós hoje o nome maior dessa escola, o que não acontecia então, e o autor a quem atribuímos maior relação com o tema da formação de Portugal. Três referências explicam esse interesse recorrente do geógrafo: Alexandre Herculano, autor eleito desde os tempos de juventude, quando planeava uma carreira de medievista; José Leite de Vasconcellos, sábio etnógrafo, viajante incansável da terra portuguesa e mestre directo e, finalmente, Hermann Lautensach, colega e companheiro de longas campanhas de trabalho de campo.

Se Herculano, como Alberto Sampaio e o arabista David Lopes deixaram marcas definitivas nas interpretações geográficas orlandianas sobre a formação

de Portugal, com Leite de Vasconcellos e com Lautensach foi o tema discutido muitas vezes. A partir deste fundo, confrontado com uma importante bibliografia francófona, foi elaborando desde cedo um corpo teórico que à sua volta e ao longo do tempo aglutinou novas reflexões e novos exemplos. São três, pelo menos, as obras que mais divulgaram as ideias de Orlando Ribeiro sobre a formação de Portugal.

A primeira é a "entrada" do *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão, provavelmente a mais conhecida e justamente intitulada "Formação de Portugal" (Lisboa, 1968), e que constitui em grande medida o capítulo de Geografia histórica intitulado "La Tradición Cultural y la Formación del Estado", da obra *Portugal*, editada em castelhano (Barcelona, 1955), e só há alguns anos publicada na língua original (Lisboa, 1989). A segunda é a obra *Introduções Geográficas à História de Portugal* (Lisboa, 1977), que o próprio autor diz ser um *Estudo Crítico* sobre as ideias geográficas de Oliveira Martins, de Jaime Cortesão e de António Sérgio (entre outros), no respeitante à História de Portugal. O terceiro trabalho, *A Formação de Portugal* (Lisboa, 1987), reúne a maior parte dos estudos de Orlando Ribeiro, inéditos e publicados sobre o tema e conhecerá em breve uma nova edição.

No "Preâmbulo" de *A Formação...* faz o autor remontar o seu interesse pelo assunto a 1930, quando em tertúlia intelectual com os amigos, discutiam artigos jornalísticos de Manuel Heleno e as teorias de Bosch Gimpera. Mas será só quase uma década depois, e sendo já leitor de português na Sorbonne, que Orlando Ribeiro tomará posição pública sobre o tema, ao proferir, em Bruxelas, uma conferência intitulada "La Formation du Portugal". Corria o ano de 1939 e na Europa, face aos acontecimentos político-militares que começavam a suceder-se, os geógrafos tomavam também eles posições.

A síntese da Geografia de Portugal terá corpo pelo final da Guerra: *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* (Coimbra, 1945), a mais conhecida obra do autor, que a largo prazo terá marcante receptividade entre a comunidade científica portuguesa, particularmente no âmbito das Ciências Sociais. Como para muitos outros aspectos geográficos do território, aí deixa sintetizadas as principais ideias sobre a Formação de Portugal e a importância dessa formação na explicação da realidade portuguesa contemporânea.

Como referimos, estas ideias são retomadas em *Portugal* (Barcelona, 1955), a parte dedicada ao nosso País da grande *Geografía de España y Portugal* coordenada por Manuel de Terán. A propósito da fronteira terrestre, diz Orlando Ribeiro: "A fronteira portuguesa, fixada nas linhas gerais quando terminou a Reconquista, é o mais antigo limite político da Europa, perdurando há sete séculos com essa função. Regular no traçado, grosseiramente paralela à linha de costa, desenha com esta um rectângulo alongado no sentido do meridiano, que constitui uma das figuras de Estado mais harmoniosa e mais simples."

Das prolongadas e supostamente eruditas polémicas historiográficas pouco gostava Orlando Ribeiro de aproveitar, eram as minudências que havia que ultra-

passar — “perpassando nulidades” intitula um dos sub-pontos das *Introduções Geográficas à História de Portugal* —, e às tiradas nacionalistas muitas vezes as apelidava de “patacoadas”.

A citação sobre a fronteira parece-nos exemplar da sua busca de rigor científico e de elegância de escrita. É, de facto, a fixação das linhas gerais da fronteira que convém reter para discutirmos a formação do País. As indecisões de tempo (1249 ou 1297) e de espaço (entre cedências ou ganhos territoriais como Riba Còa), são dados que a longo prazo pouco contam, se tudo se define num escasso e conturbado meio século. O importante é reconhecer a fronteira como uma consequência da Reconquista cristã peninsular e a permanência e estabilidade desse limite político entre dois Estados, caso único e assim o mais antigo, num quadro europeu em constante mutação.

A segunda parte do parágrafo é talvez a mais interessante, como comentário à perfeição e ao equilíbrio da configuração territorial de Portugal. O traçado da fronteira terrestre, delimitadora do espaço é “regular” e “paralela” ao litoral, o que “desenha” uma particular figura, um “rectângulo alongado no sentido do meridiano”. As linhas de costa e de fronteira são paralelas entre si e paralelas a uma das linhas de medição da Terra, o meridiano. A perfeição geométrica completa-se com a ortogonalidade das fronteiras norte e sul, formando o rectângulo. A complementaridade geográfica está subjacente: o Norte Atlântico vs. o Sul Mediterrâneo, o Interior vs. o Litoral no quadro de uma clara coerência regionalista. Assim, Portugal como Estado independente, só pode possuir “uma das figuras mais harmoniosas e mais simples”. Esta é a irresistível imagem que ainda hoje perdura.

Orlando Ribeiro criticou severamente as “Introduções Geográficas” às difundidas Histórias de Portugal, redigidas pelos próprios historiadores, mas é um facto que os geógrafos convidados a participarem nas Histórias de Portugal com “Introduções Geográficas” não se têm saído da incumbência da melhor maneira. Perante a passividade da crítica historiográfica (que terá a matéria como não sendo do seu pelouro), os comentários internos sempre aconteceram, desde a polémica entre Amorim Girão e Vasconcellos e Sá, o geógrafo presente na chamada *História de Portugal* de Barcelos (1928), até às mais recentes e volumosas tentativas.

Porém, essa auto-crítica sempre respeitou a aspectos estritamente geográficos, quando, na nossa opinião, raramente o principal erro foi apontado: o da não ligação entre a Geografia e a História no discurso geográfico produzido. Atendendo ao objectivo das obras, essas “Introduções Geográficas” sempre foram estranhamente concebidas como pequenas Geografias de Portugal, dentro de uma tradição que remonta no nosso País ao século XVI. Ao público leitor de História pouco lhe interessará um capítulo de geomorfologia ou de fitogeografia e não será fácil estabelecer relações entre as mais actualizadas estatísticas da indústria ou da pesca com as informações do capítulo seguinte, que trata invariavelmente da Pré-História no futuro território português.

A explicação para estas "incompatibilidades" passa pelo diminuta atenção entre nós pela disciplina de Geografia histórica e pelo restrito trabalho conjunto entre geógrafos e historiadores que, salvo raras excepções, é praticamente inexistente em Portugal. Esta realidade, que afecta também a vizinha Espanha revela-se mais grave se recordarmos a divulgação conjunta da Geografia e da História em alguns escalões do ensino. A Formação de Portugal continuará a ser transmitida ou numa versão histórica ou numa versão geográfica e quase sempre esquecendo o seu quadro ibérico, uno e diverso.

## Bibliografia

- CARVALHO, A. Ferraz de — "Portugal" in *Geografia Universal*, III, Barcelona, Instituto Galach, 1930, p. 521-592.
- DAVEAU, Suzanne — "História e Geografia", *Ler História*, Lisboa, 21, 1991, p. 162-169.
- DAVEAU, Suzanne — *Portugal Geográfico*, Lisboa, João Sá da Costa, 1995.
- GIRÃO, A. de Amorim — "Questões geográficas", *Biblos*, Coimbra, V, 5-6, 1929, p. 304-314.
- GIRÃO, A. de Amorim — *Esboço de uma Carta Regional de Portugal*, Coimbra, 1930.
- GIRÃO, A. de Amorim — "Condições geográficas e históricas da autonomia política de Portugal", *Biblos*, Coimbra, XI, 1935, p. 472-494.
- GIRÃO, A. de Amorim — *Atlas de Portugal*, Coimbra, Instituto de Estudos Geográficos, 1941.
- GIRÃO, A. de Amorim — *Geografia de Portugal*, Porto, Portu-calense Editora, 1941.
- GOMES, B. Barros — *Cartas Elementares de Portugal*, Lisboa, Lallemand Frères, 1878.
- LAUTENSACH, Hermann — "A individualidade de Portugal no conjunto da Península Ibérica", *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa, 49.<sup>a</sup> série, 11-12, 1931, p. 362-469.
- LAUTENSACH, Hermann — *Portugal. Auf Grund eigener Reisen und der Literatur*, 2 vol., Gotha, 1932 e 1937.
- MATOS, Sérgio Campos — *Historiografia e Memória Nacional (1846-1898)*, Lisboa, Colibri, 1998.
- MATTOSO, José — *A Identificação de um País. Ensaio sobre as origens de Portugal (1096-1325)*, 2 vol., Lisboa, Estampa, 1985.
- MATTOSO, José — *Formação da Nacionalidade*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1985.

- MATTOSO, José — *A Identidade Nacional*, Lisboa, Gradiva, 1998.
- MATTOSO, J.; DAVEAU, S. — *O Sabor da Terra*, 13 vol., Lisboa, Círculo de Leitores, 1998.
- RIBEIRO, Orlando — *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Coimbra, Coimbra Editora, 1945.
- RIBEIRO, Orlando — "Portugal" in *Geografía de España y Portugal* (dir. M. de Terán), V, Barcelona, Montaner y Simón, 1955.
- RIBEIRO, Orlando — "Formação de Portugal" in *Dicionário de História de Portugal* (dir. Joel Serrão), III, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1968.
- RIBEIRO, Orlando — *Introduções Geográficas à História de Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1977.
- RIBEIRO, Orlando — *A Formação de Portugal*, Lisboa, ICALP, 1987.
- RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. — *Geografia de Portugal. III — O Povo Português*, Lisboa, João Sá da Costa, 1989, p. 645-676.
- RIBEIRO, O.; DAVEAU, S.; ALEGRIA, M. F.; GARCIA, J. C. — "Les recherches de Géographie Historique au Portugal" in *Géographie Historique et Culturelle de l'Europe — Hommage au Professeur Xavier de Planhol* (coord. Jean-Robert Pitte), Paris, Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 1995, p. 329-351.
- SÁ, M. de Vasconcellos e — "Condições geográficas" in *História de Portugal*, I, Barcelos, Portucalense Editora, 1928, p. 17-76.
- TELLES, A. Silva — "Introdução geográfica" in *Notas sobre Portugal*, I, Lisboa, 1908, p. 1-55.
- TELLES, A. Silva — "Portugal. Aspectos geográficos e climáticos" in *Exposição Portuguesa em Sevilha*, Lisboa, 1929.